

**A ESCRITA NEGRA:  
VOZES DA ÁFRICA E O MOVIMENTO NEGRO UNIFICADO (1978-1988)**

Aline Cavalcante e Silva<sup>1</sup>  
Elio Chaves Flores (Orientador)

**Resumo:** O presente trabalho se insere numa pesquisa sobre a história do protagonismo dos intelectuais afro-brasileiros, denominado *Visões da África e Práticas Emancipatórias dos Intelectuais Afro-Brasileiros (1944-1988)*. Neste sentido, a proposta do trabalho busca sistematizar as representações africanistas construídas pelos intelectuais afro-brasileiros a partir das fontes arroladas entre 1978 e 1988, especialmente nos escritos literários dos *Cadernos Negros*; analisar a opção política pelo dia 20 de novembro como a data africanista no Brasil nas poesias e contos da coleção *Cadernos Negros*; identificar os sentidos de historicidade e as visões da África independente nos contos e poesias dos *Cadernos Negros*. Com isso, esperamos: aprofundar os estudos críticos da identidade negra e do protagonismo afro-brasileiro no contexto da abertura política e das reformas constitucionais (1978-1988) e contribuir para a história da literatura negra e dos protagonistas da negritude brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** História. Africanismo. Negritude.

### **Considerações iniciais acerca do trabalho**

Este artigo é resultado de três anos de pesquisa de um projeto denominado *Visões da África e Práticas Emancipatórias dos Intelectuais Afro-Brasileiros (1944-1988)*, que vem sendo desenvolvido no Departamento de História da Universidade Federal da Paraíba, desde o ano de 2007, com término no ano de 2010, e tem como principais objetivos: sistematizar as representações africanistas construídas pelos intelectuais afro-brasileiros dentro do recorte temporal de 1978 e 1988, especialmente nos escritos literários dos *Cadernos Negros*; analisar a opção política pelo 20 de novembro como a data africanista no Brasil nas poesias e contos da coleção *Cadernos Negros*; identificar os sentidos de historicidade e as visões da África independente nos contos e poesias dos *Cadernos Negros* e comparar as perspectivas estéticas dos escritores afro-brasileiros com as práticas discursivas dos construtores da democracia racial e do Brasil mestiço.

As contribuições de uma pesquisa sobre os intelectuais negros, seus postulados africanistas e suas reivindicações por uma interpretação da história mais identificada com as aspirações do povo negro, poderiam se inserir, portanto, no campo da história cultural, com a pretensão de repensar a matriz curricular eurocêntrica e, portanto, contribuir para a melhoria do ensino de história. Dessa forma, a pesquisa mantém as seguintes hipóteses de trabalho: a) os intelectuais afro-brasileiros questionaram a visão eurocêntrica da História da África demonstrada pela grande imprensa e pelo mito da democracia racial; b) a busca das raízes africanas e a compreensão da África contemporânea contribuíram para a construção da negritude no Brasil; c) as

---

<sup>1</sup> Aline Cavalcante e Silva (Graduada em História pela Universidade Federal da Paraíba – Bolsista PIBIC/CNPq/UFPB – 2007-2010), endereço eletrônico (aline.mbz@hotmail.com); Elio Chaves Flores (Dr. em História Social pela Universidade Federal Fluminense – Professor do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba/PPGH/UFPB), endereço eletrônico (elioflores@terra.com.br).

representações históricas do continente africano e a história dos africanos na diáspora formam as bases do jacobinismo negro republicano.

Nesse sentido, o objetivo geral do projeto é pesquisar os intelectuais afro-brasileiros e os saberes históricos produzidos e divulgados através de seus escritos, entre 1944 e 1988, especialmente os que se referem às discussões sobre a História da África, a negritude e as relações com os políticos e intelectuais africanos do processo de descolonização e da África pós-colonial.

Para efeito de classificação e trabalhos com as fontes, realizamos leituras, fichamentos e discussões periódicas acerca da produção dos intelectuais afro-brasileiros a partir das crônicas, ensaios, poesias, artigos, manifestos, depoimentos, entrevistas como também a utilização dos escritos mais direcionados ao universo acadêmico.

Esperamos como resultados historiográficos: aprofundamento sobre os estudos críticos da identidade negra e do protagonismo afro-brasileiro no contexto da abertura política e das reformas constitucionais (1978-1988); nova interpretação daquilo que se pode chamar de a estética negra no Brasil contemporâneo para além do negro como sambista e malandro; contribuição para a história da literatura negra e dos protagonistas da negritude brasileira contemporânea e ampliação das análises historiográficas sobre a África contemporânea e os saberes históricos oriundos da matriz cultural africana na segunda metade do século 20.

### **Análise da produção poética dos *Cadernos Negros***

O presente artigo dedica-se a uma análise da produção poética de três edições comemorativas da série *Cadernos Negros*, são elas: *Trinta Anos de Cadernos Negros* (2008), que reúne ensaios, contos e poemas; *Cadernos Negros: os melhores poemas* (2008) e *Cadernos Negros: os melhores contos* (1998).

Na primeira obra analisada *Trinta Anos de Cadernos Negros*, uma edição especial em comemoração aos trinta anos de *Cadernos Negros*, estão presentes alguns textos de abertura e apresentação dentre os quais destaco o de autoria da estudante de Letras da Universidade de São Paulo, Aline Costa. Em seu texto *Uma História que Está Apenas Começando*, a estudante descreve toda trajetória da publicação *Cadernos Negros*, desde sua criação no ano de 1978 até a comemoração dos trinta anos de publicação no ano de 2008.

Nesse sentido, a autora destaca que a idéia dos *Cadernos Negros* surge da iniciativa de um grupo de estudantes universitários negros, onde ela destaca a figura de Cuti, que diante de todas aquelas manifestações que vinham ocorrendo na década de 1970, assim como do crescimento nesta época do número de entidades negras, se deparam no meio acadêmico com a falta de uma produção literária escrita por autores afro-brasileiros. Como se esta literatura afro-brasileira não existisse, além disso, estavam cansados de ver o personagem negro sendo representado numa literatura exclusivamente branca. Nesse contexto, segundo a autora, é que surge a iniciativa desse grupo de universitários negros no sentido da criação de um material literário escrito por afro-brasileiros e voltado, em especial, para esse público leitor.

Ainda no texto, a autora ressalta que a idéia de denominação *Cadernos Negros* surgiu a partir da sugestão de um de seus idealizadores, Hugo Ferreira, onde o mesmo relata que sua idéia surgiu como uma referência a escritora Carolina Maria de Jesus, falecida no ano de 1977, que escrevia em cadernos. Além disso, ele ressalta o fato de que sua geração de escritores é anterior ao computador e muita gente não tinha máquina, portanto, esses escritores também tinham o hábito de escreverem em cadernos, ou seja, esta era uma característica própria deles.

Em seu texto, a autora também destaca que as primeiras publicações dos *Cadernos Negros* foram custeadas pelos próprios escritores, no entanto, a partir de reuniões informais entre os autores participantes dos *Cadernos* para discutir os próprios textos que seriam publicados na antologia e que aconteciam na casa de Cuti ou em bares da região, é que surge o grupo Quilombhoje, um grupo que tinha como objetivo discutir o papel do negro na literatura e que posteriormente passa a ser o responsável pela publicação dos *Cadernos Negros*.

Por fim, a autora destaca a grande conquista que foi essa publicação e, em meio a tantas dificuldades permaneceu e resistiu até os dias atuais como arma de luta da população negra que vem unindo forças contra a discriminação racial brasileira, e também sendo utilizada como objeto de pesquisas acadêmicas no Brasil e fora dele.

Esta edição especial dos trinta anos dos *Cadernos Negros* apresenta ainda uma série de cinco ensaios, todos destacando a importância dessa escrita afro-brasileira. Em *Cadernos Negros: 30 anos de literatura em compasso de resistência*, de autoria de Florentina Souza, a autora discorre acerca de que no Brasil predominou na literatura brasileira um discurso ligado majoritariamente a espaços de produção de homens, membros das classes privilegiadas econômica e socialmente, não-pertencentes aos grupos étnicos negros ou indígenas, e que mesmo diante desses obstáculos, os periódicos (jornais e revistas) constituíram desde o século XIX, uma das formas de expressão utilizada pelos afro-descendentes no Brasil.

No segundo ensaio *Cadernos Negros: 30 anos de literatura em compasso de resistência*, de Maria Nazareth Soares Fonseca, onde a autora ressalta o reconhecimento de luta de uma literatura desligada dos cânones, e dos poemas presentes desde a primeira edição dos *Cadernos Negros* destacarem-se como marcos de uma luta de escritores afro-brasileiros que se expandia anteriormente a esta publicação, a exemplo de Luís Gama, Cruz e Souza e até mesmo Machado de Assis, ainda no século XIX. Já no terceiro ensaio denominado *Cadernos Negros: repensando o leitor e a leitura através do texto Afro-brasileiro*, da autora Maria Cândida Ferreira de Almeida, em seu texto ela reflete sobre a seguinte indagação: “Quem é o leitor na literatura afro-brasileira”. Nesse contexto, a autora ressalta a ambigüidade e imprecisão da resposta para essa questão, devido aos limites que se impõe para sabermos quem é o próprio leitor brasileiro. Dentro dessa perspectiva, ela analisa a opinião de alguns dos autores que publicam nos *Cadernos Negros*, a exemplo de Cuti, dentre outros, e também analisa a escrita de autores que foram anteriores a esta publicação, como a Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Cruz e Souza e Éle Semog. Por fim, a autora ressalta que:

Deixei para estas linhas finais as considerações sobre um dos aspectos do conteúdo que mais singularizam a produção dos autores dos *Cadernos* porque a cada tratamento dos tópicos pertinentes ao meu roteiro de leitura a relevância do espinhoso tema do racismo brasileiro e a perturbação que ainda causa na ordem das letras. Os *Cadernos Negros* ainda são uma dissonância no cenário literário e, igualmente, são autores cada vez mais difíceis de serem ignorados dada a contingência que vivemos: a disposição que o país finalmente encontrou para enfrentar por meio de políticas de ação afirmativa a desigualdade fundada nas relações étnico- raciais que persistem desde nossa fundação como Estado independente (ALMEIDA, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 79).

No quarto ensaio *As noções textuais da negrura na série Cadernos Negros*, do autor Fausto Antônio, ele discorre acerca dos elementos formadores dos textos

presentes nos *Cadernos*, assim como das intencionalidades específicas presentes nos contos, poemas e teorias. Para tanto, destacamos:

Nos vinte e nove anos de existência dos *Cadernos Negros* (CN), os elementos formadores dos textos, cujo conjunto nos dá a configuração da questão negra e nos define a própria noção textual da negrura, são, a cada nova publicação, mais carregados de significações. Cresce, no escopo significativo, nos textos em prosa, em verso e nas teorias, a questão da identidade racial. A problematização da identidade é objeto nuclear e compõe um percurso inseparável dos textos e das teorias. Identidade racial nos *CN* significa, igualmente, empreender movimento para a superação das desigualdades raciais a que estão submetidos os negros. Pode-se dizer que os contos, poemas e teorias publicados pela série são dotados de intencionalidades específicas em torno do negro e da problemática negra para discutir, por exemplo, o que é literatura na perspectiva identitária negra. A projeção afirmativa do signo negro e a visibilidade positiva da cultura permitem a circulação, numa forma de revanche, de uma linguagem que se contrapõe ao racismo e aos efeitos na linguagem e discursos (ANTÔNIO, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 81).

Por fim, no quinto ensaio *A “Carta da escrava Esperança Garcia do Piauí”*, escrita por ela mesma, e sua relação com a poesia das mulheres dos *Cadernos Negros*, do autor Elio Ferreira. Em seu texto, o autor analisa o fato de que mesmo diante das barreiras impostas aos escravos brasileiros no sentido de aprenderem a ler e escrever, existiram as exceções, a exemplo da escrava piauiense Esperança Garcia e do poeta afro-baiano Luís gama. Dentro desse contexto, ele ressalta o retrato de denúncia, violência e desumanidade presentes na carta desta escrava, escrita para o Governador da Capitania do Piauí com o objetivo de apresentar suas queixas contra o administrador da fazenda onde a mesma se encontrava. E a partir daí, traça um panorama da atitude desta escrava com os poemas e contos presentes na série *Cadernos Negros* das escritoras afro-brasileiras, que nas últimas décadas vem ganhando destaque.

Dentro desse contexto, faremos em seguida, ainda nesta edição especial dos *Cadernos Negros*, a análise de alguns poemas e contos. Dentre os poemas, destaco: *Torpedo*, de Cuti; *Racista*, de Eduardo de Oliveira; e *Cabelos que Negros*, de Oliveira Silveira. Nosso propósito é de sistematizar as representações africanistas presentes na série.

Em *Torpedo*, de autoria de Cuti, percebo uma efervescente crítica a discriminação racial brasileira presente no nosso sistema presidiário, onde o autor através do uso de suas palavras simula um diálogo com seu irmão de cor através de um torpedo, destacando seus direitos e o alertando para o grande perigo que corre dentro deste ambiente. No fim do poema, ele assina como sendo zumbi dos Palmares, onde analiso a partir de uma perspectiva de que toda sua luta em prol da população negra ainda na época do Brasil Colonial se perpetue até os dias atuais nos mais diversos espaços de nossa sociedade.

irmão, quantos minutos por dia a  
tua identidade negra toma sol nesta  
prisão de segurança máxima?

e o racismo em lata  
quantas vezes por dia é servido a ela

como hóstia?

irmão, diz a tua identidade negra  
que eu lhe mando um celular  
(...)

diz ainda que continuamos lutando  
contra os projetos de lei  
que instauram a pena de morte racial  
(...)

irmão, espero que esta mensagem  
alcance as tuas mãos.  
(...)

irmão, sei que é difícil sobreviver  
neste silencioso inferno  
por isso toma cuidado  
(...)

um grande abraço  
deste teu irmão de presídio

assinado:  
zumbi dos palmares  
(CUTI, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, pp. 124-25)

No poema *Racista*, de Eduardo de Oliveira, o escritor combate veementemente o racismo, assim como a pessoa que o pratica, ou seja, o racista. Nesse sentido, ele caracteriza o racismo como sendo uma doença presente em nossa sociedade, atribuindo-lhe ainda os mais diversos adjetivos negativos.

Antes de tudo, é um câncer o racismo!  
Deletério, corrompe e degenera  
o tecido saudável do organismo  
da sociedade, em plena primavera!  
(...)

Todo racista é um ser usurpador!  
É um psicopata algoz! É um destruidor  
da liberdade e da ventura alheia!  
(...)  
(OLIVEIRA, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 128)

Em *Cabelos que Negros*, de Oliveira Silveira, o poeta ressalta a beleza do afro-brasileiro destacando os preconceitos criados em relação ao fenótipo das pessoas negras. Ressalta ainda seu orgulho em se assumir enquanto negro.

Cabelo carapinha,  
engruvinhado, de molinha,

(...)

cabelo puro que dizem que é duro,  
cabelo belo que eu não corto a zero,  
não nego, não anulo, assumo,  
assim pixaim,  
cabelo bom que dizem que é ruim  
e que normal ao natural  
fica bem em mim,

(...)

porque eu quero,  
porque eu gosto,  
porque sim,  
porque eu sou

(...)

pessoa negra e vou  
ser mais eu, mais neguim  
e ser mais ser  
assim.

(SILVEIRA, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 151)

Dentre os contos que farei a análise, destaco: *Di Lixão*, de Conceição Evaristo; *Lembranças das Lições*, de Cuti e *Cidade Violenta*, de Márcio Barbosa.

No conto *Di Lixão*, a autora narra à história de um garoto pobre, que morava nas ruas e sem perspectiva de vida. No entanto, destaca o esforço de sua mãe que ainda tentou o alertar para que lutasse e seguisse outro caminho na vida, diferente daquele que ela já estava acostumada a levar. Mesmo com o alerta da mãe, o garoto não dá ouvidos a seus conselhos, assim como não acha que ela seja um exemplo para ele devido a vida que levou. O garoto havia ganhado o apelido “Di Lixão”, devido a sua mania de chutar os latões de lixo na área onde circulava, diante das peripécias da vida acaba morrendo ainda jovem, aos 15 anos de idade, vítima que foi de um pequeno tumorzinho na boca, assim como de não ter buscado ajuda a tempo.

(...)

Não gostava mesmo da mãe. Nenhuma falta ela fazia. Não agüentava a falação dela. “Di, vai para a escola! Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho!”. Desocupada que vivia querendo ensinar a vida para ele. Depois, pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo. Lá fora, o outro mundo também era uma zona. Sabia quem tinha matado a mãe. E daí? O que ele tinha com isso?

(...)

O dente de Di Lixão latejava compassadamente. Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio.

(...)

O dente latejou fundo no profundo da boca. Dor de dente matava? Não sabia. Sabia, porém, que ia morrer. Mas isso também, como a morte da mãe, pouca importância tinha.

(...)

Às nove horas o rabeção da polícia veio recolher o cadáver. O menino era conhecido ali na área. Tinha a mania de chutar os latões de lixo e por isso

ganhara o apelido. Sim! Aquele era o Di Lixão. Di Lixão havia morrido. (EVARISTO, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 175-77)

Em *Lembranças das Lições*, Cuti faz uma reflexão acerca de suas lembranças das lições de sua infância. Nesse sentido, ele relata toda discriminação sofrida quando criança dentro do ambiente da escola, onde seus colegas de turma o apelidavam de macaco, escravo, entre outros. Dentro desse contexto, ele destaca o fato de que essa discriminação racial sofrida na escola acaba o afastando desta, assim como o seu amigo Joel, também negro e vítima da discriminação. Nesse tocante, importante ressaltar que essas discriminações sofridas pelos meninos e meninas negras dentro do ambiente escolar continuam a ocorrer até hoje, provocando entre essas crianças negras uma aversão a escola e conseqüente evasão escolar entre a população negra. Cuti retrata ainda em seu texto, o fato de seu amigo Joel ter entrado para o mundo do crime, fazendo parte de mais um dentre tantos outros que sem perspectiva de vida, acabam entrando no mundo marginal. Dentro dessa perspectiva, ele chama a atenção para a forma como o seu amigo saiu estampado nas páginas do jornal: “Preso o marginal Neguinho Joel” – foto em primeira página (CUTI, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 183). Demonstrando certo de ar de indignação.

No conto *Cidade Violenta*, de Márcio Barbosa, o autor retrata numa simulação de violência nas cidades, o fato de um cara negro que vive em boas condições financeiras relatar o que se você é um mulato com dinheiro torna-se branco, porém se for um mulato pobre, torna-se negro, ou seja, o embranquecimento é alcançado na medida em que a pessoa negra possui boas condições financeiras, fato este bem recorrente em nossa sociedade brasileira, como forma de mascaramento da discriminação racial. O autor retrata ainda em seu texto, de forma irônica, a difusão aqui no Brasil da idéia de miscigenação racial também como forma de embranquecimento da população negra, ou seja, ao invés de se identificar enquanto negro, surge a partir daí várias denominações: mulato, mestiço, entre outros. Sendo esta, uma estratégia utilizada pela população hegemônica brasileira para a negação do racismo, dificultando também as estratégias de organização da população negra em busca de direitos iguais.

Aquele ali virou pra trás. É escuro, como a maioria desses motoqueiros. Queimado de sol. Merda, não é preconceito, não... Também tenho pele escura, quer dizer... Mulato... mulata... palavras engraçadas... Mas não vou entrar nessa neurose, não... tenho sangue índio, italiano, tudo misturado. Aqui é assim, os mulatos que têm grana são brancos, se não têm, são pretos... Os meus amigos, tai, fui pra praia aquele dia, todo mundo ficou vermelho, menos eu, peguei um bronze da hora, na boa, não tenho preconceito... Agora, que tenho dinheiro, eles me convidam pra ir pra praia... (BARBOSA, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 221-22).

Na obra *Cadernos Negros: os melhores contos*, analisarei os seguintes contos: *O batizado*, de autoria de Cuti; *Guarda segredo*, de Esmeralda Ribeiro; *Pão da Inocência*, de Eustáquio José Rodrigues e *Operação Candelária*, de Lia Vieira.

No conto *O batizado*, Cuti narra a história de Paulino, um menino negro que começa a tomar contato com os ideais da população negra, e tenta de alguma forma chamar a atenção de sua família em prol da causa negra. Dentro desse contexto, no batizado de seu sobrinho que se chama Luizinho e terá padrinhos brancos, ele tenta fazer com que seus parentes negros percebam a falta de identidade cultural deles com a população negra, pois são negros, e no entanto não utilizam nomes africanos em sua

família, não participam das cerimônias religiosas de matriz africana, não convidam padrinhos negros para seu filho, o que Paulinho considera como sendo uma profunda alienação e contradição.

Porém, todos os seus parentes posicionam-se contra essas idéias de Paulinho, o taxando de macaco e também argumentando que ele iniciou essas idéias relacionadas à raça, depois de começar a namorar uma negrinha, ou seja, a família não percebe que os argumentos de Paulinho tem grande fundamento, pois entre eles há uma profunda ausência de identidade cultural negra, onde eles mesmos configuram-se como sendo pessoas preconceituosas e racistas, e não se reconhecendo como tal.

(...)

- Ouviram todos vocês? Eu acabo de dizer, com este exemplo nas mãos, da quebra da nossa identidade negra. Ouçam o nome de meu adorado sobrinho: Luizinho... Já não chega o sobrenome Oliveira! Luiz é nome de qual ancestral? Refere-se a qual matriz cultural ?

(...)

- E reparem na contradição. Minha família, depois de negar suas raízes, com esse batizado, ainda tenta me impedir de falar. A alienação é dupla. Querem me impor censura! Fosse o nome escolhido um nome africano, como por exemplo Kalungano, Sawandi, Kwame, Omowale, ou um nome dado por nossas verdadeiras religiões, e eu não estaria aqui dizendo essas palavras. Mas, com nome africano cartório põe areia, não é mesmo? E nós o que fazemos? Recuamos, ao invés de reivindicar o direito à identidade cultural. Você aí, que é o padrinho, eu percebo que está rindo de mim. Claro, você é branco. Um branco padrinho de preto. Mais um! (CUTI, In: QUILOMBHOJE, 1998, p. 46-47).

Em *Guarde segredo*, de Esmeralda Ribeiro, a escritora retrata a história de uma jovem negra que passa a morar na casa de sua avó, no subúrbio do Rio de Janeiro, após sua família ter sido despejada de uma quitinete que moravam em Copacabana. Sua avó se chamava Olívia, tinha uma casa antiga e cheia de segredos. Quando a jovem saía para brincar no quintal da casa, sempre aparecia um homem para brincar com você, e da mesma forma que surgia, de repente sumia. Certa vez, ao se deparar com um quadro empoeirado, a jovem reconheceu na foto daquele quadro o mesmo homem que brincava com você no quintal, e percebeu que no quadro estava gravado as iniciais L.B., ao questionar sua avó sobre quem seria aquele homem, obteve como resposta que se tratava de Lima Barreto, uma pessoa muito importante para ela. No decorrer da história, em suas idas a escola a menina se envolve com um rapaz chamado Cassi Jones, menino de classe média e que não gostava de trabalhar, mesmo escondendo de sua avó esse romance, ela sabia, a menina parecia não acreditar em como sua avó ficou sabendo. Certo dia, quando voltava para a casa da avó, se deparou com uma mulher que começou a lhe insultar, na ocasião disse-lhe que ela seria a quinta negra que seu filho havia deflorado, e, além disso, cuspiu na garota.

A menina saiu furiosa, comprou uma faca no mercado e acabou por matar Cassi Jones. Ao voltar para a casa da avó, se deparou com sua avó conversando e rindo muito ao lado de Lima Barreto que, na ocasião estava datilografando. A menina foi questionada se havia matado Cassi Jones, e ao confirmar, recebe agradecimento por parte dos dois. Sua avó diz-lhe que não se deve aceitar o destino com resignação, e Lima Barreto lhe agradece em virtude da garota ter lhe proporcionado um novo final para a sua história.



(...)

Fui entrando, entrando e ouvi o Lima Barreto escrevendo à máquina. Conversavam e riam muito. Por um momento, juro tê-lo ouvido dizer: “Esperávamos por você. Entre”. Eu pensava: “Tudo está acontecendo ao mesmo tempo”.

- Você matou Cassi Jones? – ele interrompeu o meu devaneio.
- Matei – respondi. “Como soube disso?” – interroguei-me.
- Bravo! Esse era o outro final que eu queria para o cafajeste do Cassi

Jones.

O escritor tirou da maquia o papel, rasgou em pedacinhos e jogou no lixo. Olhou para vovó e disse: “Obrigado. Eternamente obrigado”. Então vovó Olívia falou aquilo: “Tinha de ser assim, minha neta”, e continuou: “Nós não devemos aceitar o destino com resignação”.

(RIBEIRO, In: QUILOMBHOJE, 1998, p. 72)

No conto *Pão da Inocência*, o autor Eustáquio José Rodrigues retrata a história de Adônis, garoto negro, pobre, que vivia com a mãe, o pai e um irmão. Passava fome em casa, e certo dia observando os garotos brancos que iam a missa no domingo, ficou com vontade de ir também. Na Igreja, percebe que todos os santos eram brancos, não tendo nenhum parecido com ele. No confessionário, pergunta ao padre se ele tem algum pecado, o padre lhe confirma que quem nunca comungou e nem confessou, tem pecado. Portanto, pede que o garoto compareça ao catecismo, o que não ocorre, pois levou uma surra de sua mãe por ter sumido de casa no domingo. No fim, o garoto acaba pó ser matar, pois acredita não ter pecados e prefere ir para o céu a passar fome aqui na terra.

Antigamente iam à missa. Ele e o irmãozinho mais novo. Sabia como eram os santos da Igreja. Mas não tinha nenhum parecido com ele. Eram todos brancos. Os anjinhos também. Mas diziam que todo mundo podia entrar no céu. Era só morrer que, se não tivesse pecado, ia pro céu.

(RODRIGUES, In: QUILOMBHOJE, 1998, p. 74)

Nesse conto, podemos perceber o fato de nossa população negra não está representada nos mais variados espaços de nossa sociedade. Onde o autor cita o exemplo de aparecer de forma mais recorrente em nossas Igrejas, os santos de cor branca.

Em *Operação Candelária*, de Lia Vieira, a escritora retrata todo o desenrolar da história que culminou com massacre de jovens negros que se encontravam detidos no departamento de polícia. Dentro desse contexto, a autora destaca o fato dos próprios envolvidos na operação acreditarem na idéia de que estavam fazendo um favor para estes jovens que, por se tratarem de jovens negros, chegam a maioria sem possuírem um futuro decente e também por serem hostilizados pela própria sociedade, somando-se a esses fatores o desejo desses oficiais de demonstrarem para sociedade que sabem proteger suas instituições.

(...)

Devemos mostrar de uma vez por todas que sabemos proteger nossas instituições...

- Uma geração que chega à maioria sem um futuro decente, especialmente tratando-se de jovens negros, hostilizados pela própria sociedade...

Quarta-feira – 22 de Julho – 2 horas. (...)

O tenente Rolando desceu da viatura policial, caminhou devagar entre os curiosos que já chegavam e deteve-se diante do amontoado de corpos. As idades variavam entre quinze e dezoito anos presumíveis.

“Os pobres de hoje não exageram quando dizem que não têm onde cair mortos”, pensou.

(...)

No incomum silêncio da madrugada se escutam dobrar os sinos da Igreja da Candelária. Seis horas. Mas nada acontece.

(...)

Os jornais da manhã seguinte tinham farto material de riqueza de fotos, depoimentos e especulações sobre a chacina da Candelária.

(...)

(VIEIRA, In: QUILOMBHOJE, 1998, p. 101-03).

Em *Cadernos Negros*: os melhores poemas, analisarei os seguintes poemas: *Linhagem*, de Carlos de Assumpção; *Raça & Classe*, de Jamu Minka; *Cristóvão-Quilombos*, também de autoria de Jamu Minka; *Mandela*, de Márcio Barbosa e *MNU* da autora Mirian Alves.

No poema *Linhagem* o autor ressalta a força guerreira de Zumbi, assim como exalta seu orgulho de ser descendente deste bravo guerreiro. Destaca ainda que trás em seu peito toda revolta e luta dos povos dos quilombos.

Eu sou descendente de Zumbi Zumbi

é meu pai e meu guia (...)

Eu sou descendente de Zumbi

Sou bravo valente sou nobre

(...)

Eu sou descendente de Zumbi

Zumbi é meu pai e meu guia

Eu trago quilombos e vozes bravias dentro de mim

(...)

(ASSUMPÇÃO, In: QUILOMBHOJE, 2008, p. 31).

Em *Raça & Classe*, Jamu Minka discorre acerca da pessoa negra que diante da discriminação racial carrega na cor de sua pele a maldição da raça, além disso, a exploração da classe, através de séculos do trabalho forçado em consequência da escravidão. Relata ainda, o importante papel dos quilombolas na luta contra essa discriminação e exploração.

Nossa pele teve maldição de raça

e exploração de classe

duas faces da mesma diáspora e desgraça

(...)

Nossa raça traz o selo dos sóis e luas dos séculos

a pele é mapa de pesadelos oceânicos

e orgulhosa moldura de cicatrizes quilombolas.

(MINKA, In: QUILOMBHOJE, 2008, p. 75).

No poema *Mandela*, de Márcio Barbosa, o autor retrata a história de luta de Nelson Mandela contra o regime de Apartheid na África do Sul, onde ele relata que mesmo enquanto esteve preso, Mandela não desistiu de seus ideais e prosseguiu na luta, incentivando muitos jovens nessa caminhada. Além disso, o autor destaca sua indignação contra esses senhores brancos e ressalta que nada ficará impune.

I

Nenhum cárcere pode prender, entre paredes de pedra  
e musgo, a música das passeatas, a voz rebelde dos  
jovens, o beijo de amor das mulheres no rosto negro  
dos homens, a aurora do novo mundo nos bairros de  
lata e pólvora.

(...)

III

Ah, senhores, que túmulo de merda será o vosso, que  
vermes vos roerão na morte amarga e sonora, que  
alvos dragões defecarão em vossa carne. Nenhuma  
estupidez escraviza o negro ao branco e permanece  
impune.

(...)

V

Pisa, Sul da África, a nívea pele dos oceanos de brancura,  
Invade as ricas cidades, derruba os prédios malditos,  
A música da vitória acorda todos os povos, seguiremos  
Teu exemplo de luta e dignidade.

(...)

VI

Não, nenhum cárcere detém o crepúsculo ou impede a  
Marcha sangrenta das horas.

(BARBOSA, In: QUILOMBOJE, 2008, p, 100-01).

Em *MNU*, a autora Mirian Alves retrata o fato de a população negra ter sido calada, amordaçada, porém, aos poucos vão surgindo as vozes, as revoltas, o resgate, as exigências, e dessa forma reúnem-se em torno de um único movimento todos esses pontos em busca de um objetivo comum, ou seja, a luta pela liberdade e contra a discriminação da população negra. Surge então, o MNU (Movimento Negro Unificado).

Eu sei:

(...)

“havia um ferro em brasa  
tostando as costas  
retendo as lutas

havia mordanças pesadas  
esparadrapando as ordens  
das palavras”

Eu sei:  
Surgiu um grito na multidão  
um estalo seco de revolta

Surgiu outro  
outro  
e  
outros

aos poucos, amotinamos exigências  
querendo o resgate  
sobre nossa forçada  
miséria secular.

(ALVES, In: QUILOMBHOJE, 2008, p. 105).

### **Considerações Finais**

Nosso propósito foi o de estudar os escritos africanistas protagonizados pelos afro-brasileiros na série *Cadernos Negros*, a partir de suas inserções nos saberes históricos sobre a África, visando contribuir para as pesquisas sobre os movimentos sociais afro-brasileiros assim como aprofundar estudos sobre a matriz cultural africana no Brasil contemporâneo. Por isso, procuramos sistematizar essas representações africanistas a partir das fontes arroladas, entre 1978 e 1988.

Avaliamos, no período estudado, a constituição de uma identidade do negro brasileiro que se posiciona contra a ideologia da democracia racial e cria uma nova pauta de reivindicações políticas do grupo étnico-racial no âmbito da negritude brasileira. Essa identidade se constituirá a partir da busca de uma autenticidade histórico-cultural do negro brasileiro que busca fundamento em sua raiz africana, bem como nos aspectos específicos da experiência histórica do negro no Brasil. Buscando a compreensão do contexto histórico nacional e internacional, entre 1978 (ano de criação dos *Cadernos Negros* e do *MNU*) e 1988 (ano da criminalização do racismo e das comemorações do centenário da abolição), procuramos entender o processo e a formação dessa identidade afro-brasileira e suas articulações com o contexto de crítica ao mito da democracia racial.

Nessa época, passamos por um momento de ascensão dos movimentos políticos identitários, que buscam com sua luta o reconhecimento de suas emancipações, com grande repercussão política gerando uma internacionalização da luta negra. Dessa forma, ampliamos as bases documentais e historiográficas sobre o africanismo no Brasil e os saberes históricos oriundos da matriz cultural africana na segunda metade do século 20.

A partir deste trabalho, demonstramos exemplos do pensamento dos intelectuais negros a partir de suas inserções nos saberes históricos sobre a África, visando contribuir para as pesquisas sobre os movimentos sociais afro-brasileiros assim como aprofundar estudos sobre a matriz cultural africana no Brasil contemporâneo. Dentro desse contexto, que relata poemas contos ligados à resistência dos negros escravizados durante séculos, assim como identifica vários elementos ligados à religião de matriz cultural africana.

Portanto, a partir desses escritos políticos, assim como da produção poética dos *Cadernos Negros* pudemos demonstrar exemplos de como a história da população negra vêm sendo resgatada e recontada, ou reconstruída sob outra perspectiva, qual seja, uma

perspectiva onde o negro aparece enquanto protagonista de sua história e não mais enquanto objeto de estudo de uma historiografia eurocêntrica e embranquecida.

## **REFERÊNCIAS**

ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amilcar Araujo. (Orgs.). *Histórias do Movimento Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV/Pallas, 2007.

ANDRÉ, Maria da Consolação. *O ser negro: a construção da subjetividade em afro-brasileiros*. Brasília: LGE Editora, 2008.

BACELAR, Jeferson e CAROSO, Carlos. (Orgs.). *Brasil: um país de negros?* Rio de Janeiro; Salvador: Pallas; CEAO, 2007.

CHAVES, Rita; Secco, Carmen; MACÊDO, Tânia. (Orgs.). *Brasil / África: como se o mar fosse mentira*. São Paulo; Luanda: Editora UNESP; Chá de Caxinde, 2006.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.

SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

QUILOMBHOJE. *Trinta Anos de Cadernos Negros*. São Paulo: FNC/MC, 2008.

QUILOMBHOJE. *Cadernos Negros: os melhores contos*. São Paulo: Quilombhoje; FNC/MC, 1998.

QUILOMBHOJE. *Cadernos Negros: os melhores poemas*. São Paulo: Quilombhoje, 2008.